

Banco ABC Brasil | Relações com Investidores

Transcrição da Teleconferência de Resultados 4T15

5 de fevereiro de 2016

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS DO 4º TRIMESTRE DE 2015

[Anis Chacur Neto, CEO]

Obrigado, bom dia a todos e obrigado por participarem de nossa teleconferência de resultados do quarto trimestre e ano de 2015.

No slide 2 temos os principais destaques.

O Lucro Líquido recorrente foi de 371 milhões e 800 mil reais no ano de 2015, apresentando crescimento de 17,4% em relação a 2014. No quarto trimestre o lucro líquido foi de 105 milhões e 500 mil reais, apresentando crescimento de 10% em relação ao trimestre anterior e de 28,3% em relação ao quarto trimestre de 2014. O Retorno anualizado recorrente sobre o Patrimônio Líquido recorrente foi de 15,9% no ano de 2015 e de 17% no quarto trimestre. A Carteira de Crédito Expandida encerrou 2015 com saldo de 21 bilhões 534 milhões de reais, apresentando crescimento de 4,7% no ano e redução de 0,9% no trimestre. A qualidade da carteira continua elevada, com 95,5% das operações com empréstimos e 99,9% das operações com garantias prestadas classificadas entre AA e C ao final de 2015, de acordo com a Resolução 2.682 do Banco Central. Considerando as duas carteiras, o índice foi de 97,4%.

No slide 3 apresentamos a evolução da nossa carteira de crédito.

Considerando a carteira de crédito expandida, apresentamos um crescimento de 4,7% no ano de 2015, dentro do guidance, que era de crescimento de 3 a 8%. No quarto trimestre houve redução de 0,9%. Se desconsiderarmos o efeito da variação cambial, a carteira crédito expandida teria caído 0,9% ao final de 2015, e a carteira de empréstimos 9,3%. No segmento Corporate, a carteira expandida cresceu 5,6% em 2015, dentro do guidance, que era de crescimento de 3 a 8%. No quarto trimestre houve redução de 1%. No segmento Empresas, a carteira expandida reduziu 1,5%, ficando abaixo do guidance de crescimento para o ano, que era de 3 a 8%. No quarto trimestre a carteira permaneceu praticamente estável. Essa variação é consequência do foco que estamos dando a qualidade e rentabilidade, aliada a menor demanda de crédito. O objetivo é mantermos o conservadorismo.

No slide 4 alguns destaques de cada segmento.

No segmento Corporate, terminamos dezembro com 823 clientes, dos quais 577 possuíam exposição de crédito, o que resultou numa exposição média de 30 milhões de reais por cliente. A carteira Corporate terminou o ano com um prazo médio de 359 dias. No segmento Empresas, encerramos dezembro com 1.236 clientes. Desses clientes, 964 possuíam exposição de crédito, o que resultou numa exposição média de 2 milhões e 800 mil reais por cliente. A carteira de Empresas médias terminou o trimestre com prazo médio de 295 dias. Apresentamos também no slide a distribuição geográfica das carteiras, sem variações significativas.

No slide 5, a qualidade da carteira.

No primeiro gráfico, as operações com atraso acima de 90 dias. No segmento Corporate houve um aumento de 0,6 para 0,8% da carteira de empréstimos no trimestre. No segmento Empresas o aumento foi de 1,1 para 2,0% da carteira de empréstimos no trimestre. Tivemos alguns impactados pela deterioração do cenário econômico, mas considerando a carteira total, esse impacto acaba sendo limitado devido a menor representatividade do segmento Empresas no mix das carteiras. Considerando as duas carteiras, esse indicador aumentou de 0,7% para 1% da carteira de empréstimos no trimestre. No segundo gráfico apresentamos o Saldo de PDD. O saldo de PDD encerrou o trimestre em 2,9% da carteira. No segmento Corporate a PDD ficou em 2,7% da carteira de empréstimos, e no segmento Empresas em 3,9%. No terceiro gráfico a evolução dos empréstimos de rating D e E-H. As operações classificadas em D apresentaram redução para 1,6%, e o saldo entre E e H aumentou para 2,9%. O comportamento desses indicadores reflete o processo de provisionamento do banco, onde as empresas podem ter o rating rebaixado sem estarem vencidas.

No slide 6, a evolução de nosso funding.

O gráfico apresenta a abertura da Captação por perfil de investidor. O banco permanece com uma carteira diversificada, com acesso aos mercados local e externo em condições competitivas e com prazos confortáveis em relação ao perfil de seus ativos. A liquidez permaneceu elevada no trimestre e a precificação tem sido muito adequada. O funding continua sendo uma das âncoras do nosso negócio. No final de Dezembro, 32% do funding provinha de fontes externas, 38% de fontes locais, 10% em repasses do BNDES e 20% representados pelo Patrimônio líquido e dívidas subordinadas. Não há descasamentos entre ativos e passivos, com o gap de liquidez permanecendo positivo em todos os períodos futuros.

No slide 7 a evolução de nosso Patrimônio Líquido e do Índice de Basiléia.

Terminamos 2015 com patrimônio de referência de 3 bilhões e 218 milhões de reais, e patrimônio líquido de 2 bilhões e 510 milhões de reais. Encerramos o ano com o Índice de Basileia em 16,2%, sendo 12,6% em capital de nível 1 e 3,6% em capital de nível 2. O aumento do Índice de Basileia de 14,6% para 16,2% no trimestre e deve-se à mudança de ponderação de risco de alguns ativos por parte do Banco Central, pela recapitalização dos juros sobre o capital próprio do primeiro semestre e pelos resultados do período. É uma capitalização que consideramos adequada.

No slide 8, apresentamos a evolução da margem financeira.

A margem financeira gerencial totalizou 978 milhões e 500 mil reais em 2015, aumentando 30,8% em relação a 2014. Esse aumento reflete o aumento do patrimônio líquido remunerado a CDI, da margem com clientes e dos resultados com o mercado. A despesa de PDD apresentou o valor de 218 milhões e 700 mil reais, sendo que desse montante 50 milhões de reais foram provisões adicionais ao mínimo requerido pela Resolução 2.682. Como consequência a margem financeira líquida foi de 759 milhões e 800 mil reais, apresentando aumento de 17,4% no ano. Se desconsiderarmos os 50 milhões de reais de provisão adicional, a margem financeira líquida teria sido de 809 milhões e 800 mil reais no ano de 2015, apresentando aumento de 25% no ano. No quarto trimestre de 2015 a margem financeira gerencial totalizou 273 milhões de reais, aumento de 5,3% em relação ao trimestre anterior e de 28% em relação ao mesmo período do ano anterior. O PDD no trimestre foi de 48 milhões e 600 mil reais, resultando numa margem financeira líquida de 224 milhões e 400 mil reais, um aumento de 32,8% em relação ao terceiro trimestre de 2015 e de 32,2% em relação ao quarto trimestre de 2014. A taxa anualizada da margem financeira gerencial (NIM) ficou em 4,6% a.a. no quarto trimestre de 2015 e em 4,4% no ano de 2015. Ao longo do ano houve gradativamente uma melhora desse índice. Além da contribuição da Selic, também houve boas contribuições da margem com os clientes e com o mercado.

No slide 9, as receitas de prestação de serviços atingiram 199 milhões e 100 mil reais em 2015, apresentando aumento de 12,5% em relação a 2014. No quarto trimestre as receitas com serviços atingiram 58 milhões e 200 mil reais, aumentando 29,2% em relação ao trimestre anterior e 17,5% em relação ao mesmo período de 2014. Na comparação anual o destaque fica para as garantias prestadas, enquanto no trimestre o destaque foi a receita com fees de mercado de capitais e M&A. Houve um esforço para o aumento das comissões e spreads de fianças, de modo a refletir melhor a atual conjuntura econômica.

No slide 10, a variação das despesas e do nosso índice de eficiência.

As despesas de pessoal e outras administrativas se mantiveram estáveis no comparativo com o trimestre anterior, e apresentaram aumento de 6,8% em relação ao mesmo período do ano passado. No ano a variação ficou em 12,5%, acima do guidance que divulgamos para 2015. O aumento das despesas de pessoal está relacionada ao aumento do número de funcionários, devido ao programa de trainees realizado em 2015, e impacto do dissídio maior que o previsto, enquanto que o aumento das despesas administrativas está relacionado principalmente a despesas com serviços jurídicos e tecnologia. Importante analisar essa variação nas despesas em conjunto com a análise do índice de eficiência. Nosso índice de eficiência foi de 30,6% no quarto trimestre e 31,9% no ano de 2015. É o melhor índice de eficiência do banco desde o seu IPO, em 2007.

No slide 11, a rentabilidade.

O Lucro Líquido Recorrente atingiu 371 milhões e 800 mil reais no ano de 2015, apresentando crescimento de 17,4% em relação a 2014. No quarto trimestre de 2015 o lucro foi de 105 milhões e 500 mil reais, apresentando um crescimento de 10% em relação ao trimestre anterior e de 28,3% em relação ao mesmo período de 2014. O Retorno sobre o Patrimônio Líquido atingiu 15,9% em 2015, melhora de 0,4 ponto percentual em relação a 2014. No trimestre o retorno anualizado sobre o patrimônio líquido foi de 17%, melhora de 0,8 ponto percentual em relação ao terceiro trimestre e de 1,8 ponto percentual em relação ao mesmo período de 2014.

No slide, como já mencionando anteriormente, nossa carteira de crédito expandida cresceu 4,7% em 2015, dentro do guidance entre 3 e 8% previsto para o ano. No segmento Corporate, a carteira cresceu 5,6%, também dentro do guidance entre 3 e 8% previsto para 2015. Já no segmento Empresas, a carteira retraiu 1,5%, ficando abaixo do guidance previsto para o ano, tendo em vista a deterioração do cenário econômico ao longo de 2015. As despesas de pessoal e administrativas cresceram 12,5% em 2015, terminando o ano acima do guidance previsto, conforme já explicado anteriormente.

No slide 13, nosso guidance para o ano de 2016.

Estamos com uma projeção de crescimento para a carteira de crédito expandida entre 2 e 7%. E para as despesas de pessoal e administrativas, projetamos crescimento entre 7 e 9%.

Isso é o que tínhamos para apresentar e estamos agora abertos para as perguntas.

PERGUNTAS & RESPOSTAS

1. Flavio Yoshida – Votorantim

Oi, bom dia pessoal, obrigado pela oportunidade e parabéns pelos resultados. Eu tenho duas perguntas, a primeira é com relação a NIM que vem apresentando uma melhora gradual ao longo dos últimos trimestres e ajudada também por uma boa performance da margem financeira com o mercado. Eu sei que vocês não dão guidance para NIM mas eu queria saber o que a gente pode esperar para 2016, se ainda vocês enxergam espaço para ela crescer ainda mais e o que vocês esperam para a margem financeira com o mercado para esse ano. E a minha segunda pergunta é com relação à inadimplência. Eu queria entender um pouco melhor esse movimento do quarto trimestre onde a gente viu uma piora principalmente no segmento empresas e eu queria saber também o que a gente pode esperar para esse ano de 2016 dado que o cenário macro deve continuar bastante complicado. Obrigado.

[Sergio Lulia Jacob – Vice-Presidente Executivo]

Bom dia, obrigado pela sua pergunta. Aqui é o Sergio Lulia que está falando. Com relação ao NIM você tem razão, a gente não oferece o guidance mas dá para a gente fazer uma avaliação de qual é a perspectiva para o ano com base nos fatores principais que compõem o NIM. Do lado da remuneração do Patrimônio Líquido a CDI, foi um dos fatores que ajudou a NIM a aumentar durante o ano de 2015, acho que a expectativa agora, não só nossa como da maioria dos agentes é de uma SELIC constante ao longo do ano, portanto o processo de aumento que aconteceu ao longo de 2015 não deve acontecer de novo, mas por outro lado a SELIC média do ano que ficou em 14,25% é um pouco maior que a SELIC média do ano de 2015 já que 2015 a SELIC alcançou um nível menor. Então por aí deve ter algum aumento. Na parte de mercado é mais difícil de prever embora as condições que se apresentaram favoráveis em 2015, principalmente na arbitragem de funding externo e na maior atividade de venda de operações de hedge para clientes devam permanecer. Já na margem financeira com clientes ao longo do ano de 2015 houve no geral um aumento dos spreads com clientes, não muito significativo por que houve uma variação no mix da carteira em direção a empresas de perfil de crédito melhor e que, portanto, pagam spreads menores e ao longo de 2016 esse processo continua. Então eu acredito que não deva se esperar um grande aumento de spreads com clientes, eu acredito que se você estimar a manutenção deve ser o que deve prevalecer. Com relação a qualidade da carteira de crédito eu acho que o Anis tem alguns comentários para fazer.

[Anis Chacur Neto, CEO]

Oi Flavio é o Anis. Com relação a inadimplência conforme você mencionou e consta aqui no gráfico o segmento empresas teve uma mudança de 1,1% no atraso acima de 90 dias para 2%. O comentário aqui é: o 1,1% era muito baixo. Especificamente, num banco com uma atividade corporativa e mesmo no segmento empresas que são empresas menores não é como o varejo, então o índice para se verificar a qualidade de carteira de crédito eu acho que o saldo de PDD reflete melhor do que o próprio atraso por que é uma consequência do rating atribuído que não necessariamente está ligado a operação ter vencido ou não. Teve uma piora ainda assim que no segmento empresas foi de 3,4% para 3,9%, mas não tão significativa como o índice de atraso de 1,1 para 2%. Em momentos como esse eu diria que entre 1,5 e 2% um nível de atraso no segmento empresas faz sentido, e esse saldo de PDD entre 3,5 e 4% também faz sentido dado o fato que a liquidez das empresas tem piorado. Então diria que essa piora nas empresas é consequência de cenário e que apesar de ter tido uma piora mais forte o segmento empresas como foi dito é pouco representativo no todo da carteira.

Na carteira total saldo de PDD 2,9% como consequência de uma despesa de PDD um pouco mais forte no trimestre de 40 milhões de Reais, quase 50 milhões, consequência do momento que estamos vivendo. Atraso hoje de 0,8% também dentro do momento que estamos passando faz todo sentido, e eu diria que é um nível que dificilmente nós vamos esperar uma melhora para 2016. É muito difícil prever despesa de PDD e atrasos num banco que atua no segmento corporativo. Quando você atua no varejo você tem seus próprios modelos e aí você faz estimativas dentro do crescimento econômico e aí consegue prever um nível de despesas de PDD e atraso. No caso do segmento corporativo é difícil, mas leva em conta que o ano de 2016 deve ser um ano de retração econômica provavelmente os índices de atraso e saldo de PDD não devem ficar muito diferentes do que temos hoje, e o importante é o banco ter capacidade de geração de receitas, tanto com spread com clientes, quanto com negócios de Tesouraria e a área de fees de mercado de capitais e M&A e cash management para poder fazer frente a essas despesas, que é aquilo que tem acontecido e consequentemente gerando os níveis de rentabilidade que nós temos gerado. Mas concluindo, no que diz respeito a parte de inadimplência é uma fase mais desafiadora, é uma fase que o percentual de despesa de PDD sobre a carteira é um pouco mais elevado quando se compara a termos históricos, mas em níveis tranquilamente suportáveis para um banco como o nosso de maneira a podermos manter bons níveis de rentabilidade.

[Flavio Yoshida – Votorantim]

Está ótimo obrigado pela resposta.

2. Guilherme Costa – Itaú BBA

Bom dia Anis, Sergio e Sinzato. Obrigado pela oportunidade e parabéns pelo resultado. A minha primeira pergunta é um follow up na questão do Flavio, eu queria entender o quanto dessa piora da inadimplência do setor de empresas ele foi devido a contração da carteira e o quanto foi uma piora do segmento, pelo índice que vocês tão indicando aí alguma coisa entre 1,5 e 2% dá para entender que vocês não estão esperando uma piora adicional do setor empresas durante 2016. Eu queria saber se é isso mesmo e depois eu sigo com a minha outra pergunta.

[Anis Chacur Neto, CEO]

Olha Guilherme como eu mencionei é muito difícil dar guidance e fazer projeção de inadimplência e despesa de PDD num banco que atua no segmento corporativo. Mas agora o nosso desafio para 2016 é fazer com que esses índices não cresçam e se mantenham nos níveis em que estão e que nós continuemos a gerar receitas suficientes para manter a rentabilidade que entendemos adequada dado o momento que vivemos. Sentimos que especificamente essa mudança no atraso do segmento empresas teve em parte o fato que estava muito baixo no trimestre anterior e aí foi um ajuste, mas que nas despesas de PDD nós já vínhamos antecipando esse efeito, a contração na carteira de empresas e mesmo o crescimento menor no segmento corporate é mais uma consequência da baixa demanda por negócios de boa qualidade do que uma decisão estratégica de reduzir o segmento. Estamos vivendo um ambiente aonde as empresas com bons negócios, negócios com boas empresas dentro de um spread objetivo esses aí realmente não tem sido tão demandados, então o objetivo é procurar manter esses níveis de inadimplência do jeito que estão, continuar acreditando que esses spreads bons devem se manter durante o ano de 2016, mesmo com uma demanda não muito grande dada a nossa presença no segmento corporativo e de empresas medias seja possível a manutenção dos níveis de rentabilidade que o banco vem obtendo.

[Guilherme Costa – Itaú BBA]

Perfeito. A minha segunda pergunta é sobre as receitas de serviços. Vocês acreditam que é possível manter um crescimento entre 8 e 10% ao longo de 2016? Eu sei que uma parte da receita de serviços é difícil prever, a parte do mercado de capitais, mas a gente observou um forte crescimento na parte de receitas garantias. Conforme você mesmo disse teve um reprecificamento dos spreads ao longo de 2015 mesmo com um crescimento de 7,5% vocês conseguiram entregar um crescimento de 15% dessa linha. Então eu queria entender se ainda existe espaço para um crescimento adicional ou se já foi tudo reprecificado?

[Anis Chacur Neto, CEO]

Olha, na parte das garantias ocorreu durante o ano uma reprecificação das fianças na medida em que elas vinham vencendo. Essa precificação eu acho que da mesma forma que o spread de credito atingiu um limite então agora é um crescimento marginal por conta de operações já reprecificadas que vão passar a surtir efeito na contabilidade. Eu diria que essa taxa de fianças de empresas elas quase que dobraram nesses últimos 2 anos elas eram muito baixas no passado e dado o ambiente de concorrência e credito que passou a se viver mesmo que em empresas de boa qualidade foi possível você fazer uma reprecificação e até que faz mais sentido dado a questão de consumo de capital e custos envolvidos e etc. Nas outras receitas de serviços prever é um pouco mais difícil, porém é onde tem sido o maior esforço do banco. M&A, mesmo em momentos mais difíceis a gente entende que é possível você gerar receita pelo fato que é uma oportunidade para investidores que tem interesse em aproveitar momentos como esse em países como Brasil e esse segmento é um segmento que nós ainda somos muito pequenos, acho que tem espaço para crescimento. Mercado de capitais um pouco prejudicado por conta do apetite dos investidores para risco de credito, mas ainda assim é o core business do banco e que nós vamos manter a equipe existente e a equipe que foi contratada. E o cash management que é um que nós temos feito um grande esforço, entendemos que mesmo um banco que não tenha agencia em função hoje em dia dos meios eletrônicos, da internet, é possível se desenvolver negócios com clientes corporativos e empresas médias em função de reciprocidade por conta de linhas de crédito, então tanto na parte de serviços de cobrança, pagamento de fornecedores, tributos, são fontes de receitas que o banco explora ainda muito pouco e que tem espaço para uma participação maior. Então eu não tenho como te passar números, mas que faz sentido esperar um crescimento de receita no decorrer de 2016 e nos próximos anos dentro desse segmento de cash management com certeza. Então eu diria que garantias está mais ligada a credito, e agora a parte de M&A, Mercado de Capitais e Cash Management que é a parte de serviços bancários o esforço da instituição é grande para que aumente.

[Guilherme Costa – Itaú BBA]

Perfeito, muito obrigado.

3. Eduardo Rossman – BTG Pactual

Bom dia pessoal, duas perguntas. A primeira é sobre a carteira de títulos privados, vocês têm crescido bastante nessa modalidade que vocês classificam dentro de carteira expandida, assim como fianças bancárias, só que eu queria saber como é que está a performance na qualidade dessa carteira e se vocês veem algum risco de ter algum impacto de inadimplência na carteira de títulos por que eu entendo que se isso acontecer a gente não vai ver a despesa de PDD aumentando, a gente vai ver um impacto provavelmente na margem e como é que vocês veem o risco para a Margem Financeira por conta disto. Então essa era a minha primeira pergunta, segunda pergunta é sobre despesas. O banco tem um índice de eficiência muito bom mas como dá para ver aqui no guidance 2015 o custo veio acima do que vocês estavam projetando e eu queria saber se não dá para fazer mais na parte de custo. O banco tem crescido pouco na carteira, mercado está difícil, então enfim se não dá para entregar um resultado melhor do que esse 7 a 9% de despesa para 2016. Obrigado.

[Anis Chacur Neto, CEO]

Eduardo aqui é o Anis, obrigado pela pergunta. Na parte de carteira de títulos ela tende a ser dentro do nosso portfólio que envolve caixa, não vamos levar em conta a parte de garantias, mas uma carteira de qualidade melhor. E essa carteira envolve tanto papéis que são no mercado secundário como também emissões que nós fazemos no mercado primário e seguramos até o vencimento. São casos que nós adotamos o critério de precificação, aqueles papéis que têm liquidez e uma boa transparência a nível do mercado secundário, sempre ajustados pelo mercado secundário e os papéis que não tem tanta liquidez e tanta transparência a nível de preço no mercado secundário nós temos um modelo próprio em que ele acaba tendo uma relação muito forte com a 2.682 e que de maneira que a gente sempre deixa esses títulos ajustados naquilo que nós entendemos que é o valor correto dele, quer seja por transação no mercado secundário, quer seja pelo risco de crédito envolvido sem que especificamente seja negociado no secundário. São papéis que são emissões que obviamente com um cenário de crédito adverso tendem a sofrer alguns ajustes, mas é uma carteira de qualidade bem melhor do que carteira de crédito tanto no segmento corporativo e nem se falar dentro do segmento empresas. Então não estamos prevendo que essa carteira vá ter assim grandes oscilações e não seria um motivo de preocupação em termos de resultados futuros.

Com relação às despesas até o momento a nossa estratégia tem sido manutenção de uma estrutura existente acreditando que estamos passando uma fase transitória a nível de país e o ABC tem conseguido compensar os aumentos de custos de créditos com receitas, tanto margem com cliente como margem com o mercado, e também tem investido bastante na dos fees. Agora, claro que dependendo da forma como nós enxergamos essa situação de não só o ano de 2016 com um crescimento menor dentro do próprio guidance que nós demos e ainda o crescimento que foi obtido em 2015 abaixo daquilo que nós imaginávamos totalmente ligado a cenário econômico. E se imaginarmos que isso pode demorar um pouco mais do que imaginado existe espaço no banco de fazer um ajuste de despesas de forma a não impactar significativamente nossa condição de manter o nível de negócios que nós temos hoje e que eventualmente, no futuro, se o mercado retomar não seria nenhum problema para repor aquilo que eventualmente teve de ser reduzido. No momento isso é um assunto que está sendo muito debatido internamente, mas nós não temos ainda uma definição. Mas se a perspectiva de crescimento baixo ficar um pouco mais longa com certeza nós temos espaço para fazer essa redução. E ainda no ano e 2015 uma das razões que a nossa despesa não acabou reduzindo e acabou sendo até um pouco maior foi o fato de um programa de Trainees que no começo do ano nós optamos em continuar. Ele tem um impacto relativo dentro do custo do banco, mas é algo que a gente acha que foi importante ter sido feito naquela época e que nesse cenário e nesse momento é algo que a gente não vai continuar a fazer.

[Eduardo Rossman – BTG Pactual]

Ok, está claríssimo. Deixa eu fazer uma pergunta, enfim, acho que é uma pergunta mais geral. Não, por que a gente visto vario movimentos nos últimos tempos de fechamento de capital, teve o controlador do Sofisa anunciando recentemente que esta fechando o capital num valor próximo de book value, controlador do Daycoval fazendo a mesma coisa, teve a venda do BIC a um tempo atrás que na época anunciou 1x valor Patrimonial, o próprio BBM que não é listado sendo vendido por um valor mais alto e o banco negociando a 60% do Patrimônio, 50% do Patrimônio, assim a ação muito barata. Queria saber como é que vocês veem isso se vocês acham que existe a possibilidade de o controlador fazer o fechamento de capital, ou se essa possibilidade não existe?

[Anis Chacur Neto, CEO]

Essa possibilidade ela não existe tanto dentro da estratégia da empresa, do banco quanto do controlador. Por quê? Primeiro porque esse capital que o banco possui incluindo os recursos dos investidores minoritários do banco é um capital que esta sendo utilizado. Nosso índice de capitalização vem melhorando, parte pelo crescimento um pouco menor, parte pela mudança de critério do Banco Central na hora de ponderação das garantias, mas ainda assim nós ainda não estamos com um índice ainda totalmente folgado, estamos com um índice adequado. O nível de crescimento no ano de 2015 e provavelmente 2016 está abaixo daquilo que a gente vinha obtendo por conta de momento econômico. Na medida que a economia retoma, 2017 e 2018, com certeza a condição de crescimento do Banco ABC Brasil que atua no segmento corporativo com boa condição de competir e com Market Share pequeno é muito bom, forte. Então esse capital com certeza tem uso. E além disso, a governança corporativa que impõe pelo fato de sermos de capital aberto é algo que todos aqui presam e todos aqui gostam, e o nosso controlador também gosta. Então por tudo isso, por uma questão de ter como utilizar o capital e pela questão da

importância da Governança Corporativa de termos uma empresa de capital aberto o fechamento de capital não está em nossos planos em que pese o baixo preço da ação sob diferentes parâmetros dentro daquilo que entende que deveria ser valorizado como a ação do Banco ABC Brasil.

[Eduardo Rossman – BTG Pactual]

Está ótimo, muito claro as respostas. Muito obrigado.

4. Carlos Daltozo – Banco do Brasil

Bom dia a todos e obrigado pela oportunidade. A minha primeira pergunta com relação as provisões, segundo as respostas dos questionamentos a perspectiva é de manutenção do saldo do PDD ao longo de 2016, vocês veem alguma previsão de reverter a provisão adicional realizada no terceiro trimestre?

[Anis Chacur Neto, CEO]

Carlos, aqui é o Anis. Olha, um banco como o ABC Brasil que tem como atividade no segmento corporativo é muito difícil fazer previsão para devedores duvidosos e atrasos de carteira de crédito. Agora a gente pode imaginar o que deve acontecer em função da perspectiva de crescimento econômico e aí foi aquilo que nós colocamos com relação ao desafio de fazer com que esses índices não piorem e nós achamos possível e tem a questão da provisão adicional que foi feita imaginando o ano de 2016 continua a ser um ano bem desafiador. Tem 3 situações. A situação aonde a gente acaba o ano, o ano acaba sendo difícil em termos de desempenho de carteira de crédito e aí faz com que as provisões continuem em valores comparativos com a história desses valores altos e aí o ponto reverter ou utilizar essa provisão ele vai estar mais ligado aquilo que nós vamos enxergar para 2017 do que efetivamente o que ocorrerá em 2016. Por que a gente pode ter um ano difícil e acreditar que 2017 continuará difícil. Então a tendência é manter essa provisão adicional e até eventualmente poder fazer alguma coisa a mais. Ou então ter um ano difícil e enxergar 2017 como um ano muito promissor e a gente pode utilizar essa provisão e não fazer uma nova. E de repente ter um ano de 2016 melhor do que imaginávamos, 2017 acreditando que vai ser um crescimento bem positivo e aí a gente não utiliza e reverte. Agora qualquer uma dessas três possibilidades eu acho que esta prematuro para poder dar uma posição agora. Mas eu diria que as 3 opções são possíveis, gostaria de ter a resposta dessa pergunta agora, mas infelizmente não tenho.

[Carlos Daltozo – Banco do Brasil]

A minha segunda pergunta está na perspectiva de crescimento da carteira e é um crescimento baixo, o caixa do banco está num nível elevado e o índice de Basiléia também num nível elevado. Existe alguma possibilidade de aumento do payout do banco?

[Anis Chacur Neto, CEO]

Olha, o caixa está num nível elevado, consequência da nossa boa condição de captação e liquidez, inclusive de captação no exterior que hedgeadas para Reais acabaram representando um custo abaixo do que o mercado doméstico sem dúvida, agora o índice de Basiléia nós não consideramos que ele está elevado. Ele está elevado se levarmos em conta o capital principal e o capital nível 2 juntos, só que o capital nível 2 eu diria que uns 70 a 80% deste refere-se a dívida subordinada, dentro da Basiléia 2, já está em processo de redução e que essa, a perspectiva de substituição no cenário atual é um pouco remota. Então hoje nós olhamos mais o capital principal, o capital nível 1 do que o capital total como referência de objetivo e esse ainda, nós achamos que está adequado, mas apesar de estar adequado para futuro de curto e médio prazo o nosso objetivo é de que ele aumente um pouco. Ou seja, uma Basileia core capital de 13% no atual cenário, que é importante nós, não só nós com a agência de rating e o regulador tem dado eu acho que atingir esse 13% de core capital é importante. E além disso, essa melhora de recapitalização que nós tivemos como eu disse foi consequência do baixo crescimento e da mudança do banco central na ponderação das garantias mas acreditamos que é uma fase transitória, é uma fase 2016 que não deve perpetuar e à medida que o Brasil volte a crescer a condição para um banco como o ABC Brasil crescer nos níveis de 15 a 18% ao ano é bem possível. Então esse capital regulatório nosso nós não achamos que seja folgado. Ele é adequado para o momento, nós ainda assim queremos fazer com que ele cresça e sabemos que no futuro de curto prazo quando o país retomar seu crescimento nós vamos precisar dele para fazer frente aos negócios do banco.

5. Pedro Furtado – Prada

Bom dia, minha primeira pergunta eu queria saber um pouco sobre a divisão setorial da carteira de vocês, a gente entro no ano passado, final de 2014 e 2015 havia uma preocupação grande quanto a exposição dos bancos em empresas envolvidas no Lava jato e eu entendo que houve aí um ajuste da carteira por conta dessa preocupação. Eu queria saber se para 2016 existem setores que preocupam mais vocês, foram feitas mudanças importantes nesse mix ao longo do ano, como está isso daí?

[Anis Chacur Neto, CEO]

Pedro, aqui é Anis. No que diz respeito a diversificação da carteira de crédito eu acho que nossa carteira hoje em dia ela é muito diversificada e não existem maiores concentrações. Nós temos o setor financeiro, indústria de base, agronegócio, utilities, enfim. O Lava Jato, foi um evento, o Lava Jato não podemos dizer que foi algum setor da economia, foram empresas que foram envolvidas num escândalo de corrupção e que foi um evento inesperado e que contribuiu bastante para o aumento de despesas de PDD durante o ano de 2015. Esse evento nos consideramos aqui que está superado dentro do banco, os ativos bem precificados e bem provisionados e que 2016 o desafio maior é a carteira como um todo uma vez que nós não temos uma preocupação específica com algum setor onde a gente tem uma presença um pouco mais forte. Eu acho que agora é mais uma consequência do baixo crescimento econômico e da contração da economia brasileira e de que maneira ela vai refletir na carteira de crédito como um todo. É claro que você tem alguns setores que foram mais prejudicados, você pega o setor de commodities, ligado a minério de ferro, siderurgia, esse daí foi muito impactado, setor de commodities ligado a papel e celulose foi pelo contrário, a commodity ela está num preço alto e o câmbio ainda assim, o real se desvalorizou dando um efeito positivo, então você tem setores que estão mais afetados, setores que estão menos afetados e setores que até que se beneficiaram. A gente está acompanhando tudo isso, não existe hoje uma preocupação maior em algum setor específico, existe uma preocupação de todo e aí é o processo de avaliação de crédito das empresas com as quais nós trabalhamos e fazer o acompanhamento. É diferente do que foi no começo do ano passado. No ano passado no começo existia aquela preocupação específica das empresas envolvidas no Lava Jato por que era algo inesperado e foi feito o mapeamento dentro dessas empresas. Mas nesse ano não é o caso.

[Pedro Furtado – Prada]

Minha segunda é com relação ao funding. No ano passado eu lembro que vocês comentaram que conseguiram algumas captações a um custo em reais bem interessante. Eu queria saber como é que é a perspectiva aí para 2016, mesmo por que o nível de captação que vocês precisam fazer é bem menor do que precisavam no ano passado, mas vocês veem ainda oportunidades de captações nesse nível de custos?

[Anis Chacur Neto, CEO]

Olha essas captações que você fala é com relação provavelmente as captações externas que elas têm dado uma boa oportunidade de arbitragem quando você faz o hedge para Reais. Essas captações elas continuam, mas a liquidez delas diminuiu. Por que os investidores estrangeiros com relação ao risco Brasil se retraíram um pouco. Apesar disso continuamos a fazer numa intensidade menor do que fizemos no ano passado e continua sendo uma boa oportunidade de negócio. Agora já no mercado doméstico essa continua no mesmo patamar de liquidez e preço que estávamos praticando no começo do ano passado, então de maneira geral a liquidez do banco continua muito boa, tanto que nossa taxa é alta e os custos de captação estão bem alinhados. No exterior as linhas externas não ligadas a trade finance continuam a ser atrativas em termos de resultado quando você realiza as captações porém sentimos que a liquidez tem diminuído. Nas linhas de trade finance já não, essas continuam bem ofertadas a preços interessantes é mais uma questão de você ter o lastro por conta de uma operação de financiamento de comércio para poder fazer frente à utilização dela.

6. Cid Oliveira - XP Investimentos

Complementando a parte de ativo que foi perguntado vocês têm sentido algum setor em particular para 2016 vocês têm uma visão de algum setor que vai ter algum movimento de aumento de inadimplência que vocês têm trabalhado a carteira de vocês para tentar minimizar algum risco específico que vocês estão vendo?

[Anis Chacur Neto, CEO]

Olha, especificamente algum setor esperado não. O que temos visto é deterioração de alguns setores e algumas empresas, em função de desempenho por conta de queda de demanda ou redução de preço de produto vendido e os custos não reduzem na mesma proporção. Agora, não temos aqui especificamente algum setor que temos uma preocupação maior. Como eu disse é uma situação um pouco mais geral, ou seja, consequência do baixo crescimento econômico do país e do ambiente externo com queda do preço das commodities, então tem muita empresa e muito segmento afetado. E aí é fazer a diligência como a gente sempre tem feito, mas não diria assim que tem um setor específico ou uma preocupação maior.

[Cid Oliveira - XP Investimentos]

E só um complemento, a parte de concentração. A concentração em cada uma das empresas ela tem mudado ou você pretende mudar isso, como você bem falou a parte de varejo é mais fácil você modelar através de modelos econômicos e a parte corporativa é um pouco mais complicada, você tem um ou dois defaults, enfim é difícil você prever como eventualmente você conseguiria numa carteira de varejo. Essa parte de concentração por empresa vocês continuam com a mesma política, mudaram

alguma coisa, tem como comentar sobre as suas maiores exposições e como você enxerga isso para 2016 e 2017 diante desse cenário mais negativo que está na nossa frente?

[Anis Chacur Neto, CEO]

Não, a nossa política de crédito em termos de concentração não muda, nós somos um banco conservador, as nossas concentrações quando ocorrem é por que são nomes extremamente óbvios e até hoje nunca tivemos problema maior por conta de concentração em algum cliente específico. Eu diria que o nosso critério de aprovação de crédito está mantido e não há razão de mudá-lo. Agora, numa fase como essa, o que nós temos feito é aumentar o perfil do cliente, ou seja, se numa fase de crescimento econômico mais forte você está acostumado a trabalhar com clientes menores, mesmo dentro do segmento, nesse momento, nós além de estarmos num processo de mudar a segmentação das empresas do segmento empresas, dentro da segmentação nós estamos cada vez mais trabalhando com as empresas maiores por que elas acabam representando um risco menor, e que num momento como esse como todos acabam tendo uma piora de qualidade de crédito faz sentido você elevar o seu alvo. Mas a estratégia e a nossa política de concentração de clientes por grupo econômico é uma política muito saudável, a gente sempre está revisando, é claro, mas em função de momento econômico e em função de experiências realizadas não há motivo para dizer que nós temos que fazer uma mudança expressiva em relação aos nossos critérios.

7. Julia Rizzo – HDI Capital

Olá bom dia e obrigada pela oportunidade. Eu queria saber um pouco mais da carteira de crédito e do desempenho do quarto trimestre, a queda de aproximadamente 6%, se esse foi um número acima do esperado, dentro das expectativas, falar um pouco disso agora por exemplo o que vocês estão vendo, não só a dinâmica dos novos créditos, mas também, eu não sei se eu percebi errado mas parece que a carteira está ficando um pouco mais longa, com mais créditos vencendo acima de 1 ano. Isso faz parte da estratégia, é uma consequência da dinâmica, o Sr. queria falar um pouquinho mais desses dois sentidos? Da queda da carteira e do alongamento do prazo, por favor?

[Anis Chacur Neto, CEO]

O alongamento do prazo o duration da nossa carteira continua em 1 ano, próxima a 1 ano. O segmento corporate 350 e poucos dias e o segmento empresas um pouco menor. O prazo médio da carteira de empréstimos continua igual. Com relação a queda da carteira de empréstimos foi uma consequência do ambiente econômico, ou seja, não foi uma política deliberada de reduzir carteira de crédito pelo fato de que o banco mudou o seu objetivo. A nossa condição de liquidez está muito forte, muito boa, captação e liquidez, o nosso capital regulatório extremamente adequado, a questão de não crescer ativos da forma como nós gostaríamos até colocarmos um guidance menor do que tem sido histórico do banco anterior a 2014, é em função de um momento econômico aonde a demanda de crédito dos bons negócios por parte das empresas reduziu, essa que é a idéia, essa que é a linha...

[Julia Rizzo – HDI Capital]

Mas essa velocidade foi uma coisa acima das expectativas de vocês?

[Anis Chacur Neto, CEO]

Desculpa, eu não entendi a sua pergunta...

[Julia Rizzo – HDI Capital]

Essa velocidade, essa queda, essa retração da demanda mesmo por crédito, ela foi uma velocidade acima das expectativas de vocês? Todo mundo estava esperando uma desaceleração, o ambiente econômico pede, mas 6% para mim me surpreendeu e eu queria saber se para vocês não?

[Anis Chacur Neto, CEO]

É que primeiro os 6% que você está dizendo é em relação a queda da carteira de empréstimos, não é?

[Julia Rizzo – HDI Capital]

Empréstimos, exatamente.

[Anis Chacur Neto, CEO]

Nós aqui procuramos acompanhar a carteira de crédito expandida que envolve não só os empréstimos como os títulos privados que é uma forma de crédito e também as garantias que também é um negócio que envolve risco de crédito. E essa, no ano, no trimestre ela teve uma queda, a carteira expandida de 0,9%, então não foi tão expressiva quanto isoladamente a carteira de empréstimos. Agora, esse movimento de queda de carteira de crédito e de demanda por crédito é uma consequência da queda do PIB, da queda da atividade econômica que nós somos pegos da mesma forma como a gente acompanhou a queda do desempenho da economia. Então não foi assim uma grande surpresa. Eu diria que por exemplo uma grande surpresa para nós foi em 2015, no começo do ano e final de 2014 quando teve o evento Lava Jato, aquilo foi um algo assim inesperado. Agora esse movimento de desempenho da economia, uma redução de crescimento da carteira de crédito até mesmo em relação aquilo que a gente imaginava no começo do ano eu acho que foi um processo meio natural e meio parecido com outras instituições e dentro daquilo que já se esperava, ou seja, a gente está vivendo um momento desafiador no Brasil. Então não foi assim algo totalmente inesperado, eu diria não é desejado, mas dentro de uma gestão prudente, numa fase como essa a gente entende que é isso que deve ser feito. Ou seja, não existe a identificação dos bons negócios para serem realizados e não adianta querer insistir em crescer o ativo sacrificando a qualidade da carteira de crédito.

[FIM]